

os limites do controle¹

william s. burroughs

Há um crescente interesse pelas novas tecnologias de controle mental. Tem-se sugerido que Sirhan Sirhan² fora objeto de uma indução pós-hipnótica, visto ter se sentado tremendo violentamente no balcão da cozinha do *Ambassador Hotel*, em Los Angeles, enquanto uma mulher ainda não identificada o continha e sussurrava em seu ouvido. Tem-se mencionado que técnicas de modificação do comportamento são usadas em prisioneiros e detentos indesejáveis, frequentemente sem o seu consentimento. O Dr. Delgado³, que uma vez parou o ataque de um touro pelo controle remoto de eletrodos no cérebro do animal, deixou os Estados Unidos recentemente para empreender suas pesquisas em cobaias humanas na Espanha. Lavagem cerebral, drogas psicotrópicas, lobotomia e outras formas mais sutis de psicocirurgia; o aparato de controle tecnocrático dos Estados Unidos tem na ponta dos dedos novas técnicas que, se totalmente exploradas, poderiam fazer *1984* de Orwell parecer uma adorável utopia. Mas as palavras são ainda os principais instrumentos de controle. Sugestões são palavras. Persuasões são palavras. Ordens

são palavras. Nenhuma máquina de controle desenvolvida até hoje pode operar sem palavras, e qualquer máquina de controle que pretenda tal feito, contando exclusivamente com a força externa ou com o controle físico da mente, encontrará em breve os limites do controle.

Um impasse básico de todas as máquinas de controle é este: o Controle precisa de tempo para exercer controle. Porque o controle também precisa de oposição ou concordância; do contrário, ele deixa de ser controle. Eu *controlo* um sujeito hipnotizado (ao menos parcialmente); eu *controlo* um escravo, um cachorro, um trabalhador; mas se de algum modo eu estabeleço um controle *total*, como ao implantar eletrodos no cérebro, então meu objeto é pouco mais do que um gravador, uma câmera, um robô. Você não *controla* um gravador — você o *usa*. Considere a distinção e o impasse aqui implícitos. Todos os sistemas de controle tentam fazer do controle o mais firme possível, mas, ao mesmo tempo, se eles realizassem isso completamente, não restaria nada mais para controlar. Suponha, por exemplo, que um sistema de controle tenha instalado eletrodos nos cérebros de todos os potenciais trabalhadores ao nascerem. O controle está agora completo. Mesmo o pensamento sobre uma rebelião é agora neurologicamente impossível. Nenhuma força policial é necessária. Nenhum controle psicológico é necessário além de apertar botões para obter certas ativações e operações. Os controladores poderiam ligar a máquina, e os trabalhadores executariam suas tarefas, ao menos é assim que aqueles poderiam pensar. No entanto, eles deixaram de controlar os trabalhadores no momento em que estes se tornaram máquinas, como gravadores.

Quando não há mais oposição, o controle se torna uma proposição sem sentido. É altamente questionável se um organismo humano poderia sobreviver ao controle total. Não haveria nada ali. Nenhuma pessoa ali. *A vida é desejo*⁴, motivação, e os trabalhadores não mais estariam vivos, talvez literalmente. O conceito de indução⁵ como uma técnica de controle pressupõe que o controle seja parcial, e não total. Você não tem de induzir o seu gravador, nem sujeitá-lo à dor, à coerção ou à persuasão.

No sistema de controle Maia, no qual os sacerdotes detinham o mais importante Livro das estações e dos deuses, o Calendário foi estabelecido a partir do analfabetismo dos trabalhadores. Os sistemas de controle modernos são estabelecidos a partir da alfabetização universal, na medida em que operam através da mídia de massa — um instrumento de controle bastante ambivalente, como *Watergate*⁶ mostrou. Os sistemas de controle são vulneráveis e os veículos de informação são por natureza incontroláveis, ao menos na sociedade ocidental. A imprensa alternativa é notícia, a sociedade alternativa é notícia, e como tais, ambas são capturadas pela mídia de massa. O monopólio que Hearst e Luce⁷ uma vez exerceram está ruindo. Na realidade, quanto mais completamente hermético e aparentemente bem-sucedido um sistema de controle é, mais vulnerável ele se torna. Uma fraqueza inerente ao sistema Maia foi que eles não precisaram de um exército para controlar seus trabalhadores e, portanto, não tinham exército quando precisaram de um para repelir invasores. É uma regra das estruturas sociais que qualquer coisa que não seja necessária irá atrofiar e se tornar inoperante ao longo de um período de tempo. Aliados do jogo da guerra — e, lembrem-se, os Maias não tinham vizinhos com

os quais disputar —, eles perderam a habilidade de lutar. Em *Mayan Caper (Artimanha Maia)*⁸, sugeri que um tal sistema de controle hermético poderia ser completamente desorientado e destruído até mesmo por uma só pessoa que manipulasse o calendário de controle, do qual o sistema de controle dependia mais e mais profundamente conforme os meios concretos de força minguavam.

Considere uma situação de controle: dez pessoas em um bote salva-vidas. Dois líderes armados e autoproclamados forçam os outros oito a remar enquanto eles dispõem da comida e da água, pegando boa parte para eles próprios e distribuindo somente o suficiente para manter os outros oito remando. Os dois líderes agora *precisam* exercitar o controle para manter uma posição vantajosa que eles não poderiam preservar sem ele. Aqui, o método de controle é a força — a posse de armas. O des-controle aconteceria ao se subjugar os líderes e tomar suas armas. Isso feito, seria bom matá-los de uma vez. Assim, uma vez inseridos em uma política de controle, os líderes têm de dar continuidade à política por uma questão de autopreservação. Quem, então, precisa controlar os outros? Aqueles que protegem, através de tal controle, uma posição de relativa vantagem. Por que eles precisam exercer o controle? Porque logo perderiam esta posição vantajosa e, em muitos casos, também as suas vidas caso renunciassem ao controle.

Agora examine os meios pelos quais o controle é exercido no cenário do bote salva-vidas: os dois líderes estão armados, digamos, com revólveres 38 — doze tiros e oito potenciais oponentes. Eles podem revezar o sono. Contudo, devem ainda tomar cuidado para não deixar que os oito remadores saibam que eles pretendem matá-los quando a terra for avistada. Mesmo nesta situação

primitiva, a força é suplantada pelo logro e pela persuasão. Os líderes irão desembarcar no ponto A, deixando aos outros comida suficiente para alcançar o ponto B, explicam eles. Eles têm a bússola e estão contribuindo com suas habilidades de navegação. Em breve vão se esforçar para convencer os outros que este é um empreendimento cooperativo no qual todos estão trabalhando pelo mesmo objetivo. Eles também podem fazer concessões: aumentar as porções de comida e água. Uma concessão, é claro, implica a detenção do controle — ou seja, a disposição dos suprimentos de comida e água. Através da persuasão e da concessão, eles esperam prevenir um ataque coordenado dos oito remadores.

Na verdade, eles pretendem envenenar a água potável assim que deixarem o bote. Se todos os remadores soubessem disso, eles atacariam, independente das consequências. Vemos agora que outro fator essencial do controle consiste em ocultar dos controlados as reais intenções dos controladores. Estendendo a analogia do bote salva-vidas ao “Navio do Estado”,⁹ poucos governos poderiam hoje suportar um súbito e generalizado ataque por parte de todos os seus cidadãos desprivilegiados, e um tal ataque pode muito bem acontecer se as intenções de certos governos atuais estivessem inequivocamente manifestas. Suponha que os líderes do bote salva-vidas tivessem construído uma barricada e pudessem suportar um ataque coordenado e matar, se necessário, todos os oito remadores. Teriam então eles mesmos de remar e nenhum estaria a salvo do outro. De modo semelhante, um governo moderno munido com armas pesadas e preparado para o ataque poderia erradicar 95% dos seus cidadãos. Mas quem faria o trabalho, e quem iria protegê-

los dos soldados e técnicos necessários para fazer e equipar as armas? O controle bem-sucedido significa alcançar um equilíbrio e evitar um embate no qual toda a força seria necessária. Isso é obtido através de diversas técnicas de controle psicológico, também elas equilibradas. As técnicas de ambos, controle coercitivo e psicológico, são constantemente aprimoradas e refinadas, e, ainda assim, a dissidência global nunca fora antes tão difusa ou tão perigosa para os atuais controladores.

Todos os sistemas de controle modernos estão repletos de contradições. Olhem para a Inglaterra. “Nunca vá muito longe em nenhuma direção” é a regra básica sobre a qual a Inglaterra está edificada, e há certa sabedoria nisso. No entanto, evitando um impasse, eles caem em outro. Qualquer coisa que não esteja progredindo está fora. Bem, nada dura para sempre. Tempo é aquilo que acaba, e o controle precisa de tempo. A Inglaterra está simplesmente ganhando tempo enquanto afunda lentamente. Olhem para a América. Quem realmente controla este país? É muito difícil dizer. Certamente os muito ricos são um dos mais poderosos grupos de controle. Eles possuem jornais, estações de rádio e assim por diante. Estão também em posição de controlar e manipular a economia inteira. Contudo, não seria vantajoso para eles instalar ou tentar instalar um governo abertamente fascista. A força, uma vez trazida à tona, subverte o poder do dinheiro. Este é outro impasse do controle: a proteção dos protetores. Hitler formou a S.S. para protegê-lo da S.A. Se ele tivesse vivido o suficiente, a questão da proteção teria se colocado para a S.S. Os imperadores romanos estavam à mercê da guarda pretoriana, que em um ano matou vinte imperadores. Além disso, nenhum país moderno industrializado

jamais se tornou fascista sem um programa de expansão militar. Já não há mais nenhum lugar para onde expandir — após centenas de anos, colonialismo é uma coisa do passado.

Não pode haver dúvida de que uma revolução cultural de dimensões inéditas tem tomado lugar na América ao longo dos últimos trinta anos, e, dado que a América é agora o modelo para o resto do mundo ocidental, essa revolução é mundial. Outro fator é a mídia de massa, que espalha quaisquer movimentos culturais em todas as direções. O fato de que essa revolução mundial tenha ocorrido indica que os controladores têm sido forçados a fazer concessões. É claro, uma concessão ainda consiste na detenção do controle. Tome uns centavos, eu fico com um dólar. Atenuamos a censura, mas lembre-se que poderíamos pegar tudo de volta. Bom, a esta altura, isso é questionável.

A concessão é outro vínculo de controle. A história mostra que, uma vez que o governo começa a fazer concessões, torna-se uma via de mão única. Ele certamente pode tomar as concessões de volta, mas isso o exporia ao duplo risco da revolução e ao perigo ainda maior do fascismo manifesto, ambos altamente ameaçadores para os controladores atuais. Alguma política específica brota dessa monstruosa confusão? A resposta provavelmente é não. A mídia de massa se provou um muito duvidoso e mesmo traiçoeiro instrumento de controle. Ela é incontrolável, devido a sua necessidade básica por NOTÍCIAS¹⁰. Se um jornal ou mesmo um conjunto de jornais pertencente à mesma pessoa tenta suprimir uma estória, isso só faz com que a estória se torne ainda mais quente enquanto NOTÍCIA. Alguns jornais irão pegá-la.

Impor uma censura governamental à mídia é um passo na direção do controle estatal, um passo que o *big money* é mais relutante em dar.

Não pretendo sugerir que o controle automaticamente derrota a si mesmo, nem que o protesto seria, portanto, desnecessário. Um governo nunca é tão perigoso quanto quando entra em rota de autodestruição ou de franco suicídio. É encorajador que alguns projetos de modificação do comportamento estejam sendo expostos e interrompidos, e certamente essa exposição e publicidade deveriam continuar. Na realidade, defendo que temos o *direito* de insistir que toda pesquisa científica esteja sujeita ao escrutínio público e que não deveria haver algo como pesquisa “ultrassecreta”.

Tradução do inglês por Lucas C. L. Teixeira.

Notas

¹ O texto original do ensaio encontra-se publicado na revista *Semiotext(e)*, Vol. III, No. 2 (p. 38-42), 1978, em edição intitulada *Schizo-Culture*. Trata-se de uma reedição e, em grande parte, uma atualização dos trabalhos apresentados durante o evento homônimo ocorrido de 13 a 16 de novembro de 1975 na Columbia University (Cf. Figura 1), onde o trabalho de Burroughs foi inicialmente apresentado sob o título *Os Impasses do Controle* (*The Impasses of Control*). A conferência de 1975 foi responsável por reunir alguns dos mais eminentes representantes da assim chamada contra-cultura do pós-1968, incluindo a participação de artistas como The Ramones, The Rolling Stones, Patti Smith, John Cage e Katheryn Bigelow até a mais vocal intelectualidade francesa da época, contando com Michel Foucault, Gilles Deleuze, Félix Guattari e Jean-François Lyotard, dentre muitos outros. Em grande medida, o evento foi responsável por apresentar pela primeira vez à cena artístico-intelectual estadunidense o que havia de mais atual na produção intelectual francesa, sobretudo na Filosofia. (N.T.)

² Trata-se da pessoa que atirou contra o então senador estadunidense Robert F. Kennedy nas circunscções do *Ambassador Hotel*, em Los Angeles, no dia 5 de junho de 1968, levando-o à morte no dia 6 de junho de 1968. (N.T.)

³ José Manuel Rodríguez Delgado foi pesquisador e professor de neurofisiologia na Yale University. (N.T.)

⁴ A frase original diz: *Life is will*. A palavra *will* tem, na língua inglesa, uma extensa malha semântica: poderia ser traduzida como vontade, impulso, inclinação, intenção, objetivo, querer, decisão etc. Em todos os casos expressa a ideia do movimento autônomo, do movimentar-se que tem seu impulso na imanência daquele que se movimenta, e não em estímulos externos sobre um objeto inerte. Traduzimos o termo por desejo a fim de driblar qualquer conotação autárquica, como se se tratasse de uma vontade ponderada e elaborada pela racionalidade do sujeito pensante. Nada na obra de Burroughs aponta para isso; ao contrário: sua literatura é uma experiência radical de subversão de todos os modelos de controle e contenção, especialmente aqueles que habitam a linguagem: “Corte as linhas das palavras — Corte as linhas musicais — Esmague as imagens de controle — Esmague a máquina de controle — Queime os livros — Mate os padres — Mate! Mate! Mate! —” (*Cut word lines — Cut music lines — Smash the control images — Smash the control machine — Burn the books — Kill the priests — Kill! Kill! Kill!*). In: *The Soft Machine* (1966). (N.T.)

⁵ O termo no original é *suggestion*, *The concept of suggestion*. Optamos traduzi-lo por indução, no lugar do mais imediato “sugestão”, a fim de transmitir com mais naturalidade ao ouvido brasileiro o sentido buscado por Burroughs, a saber, a capacidade de orientar um sujeito para determinada direção, para determinado sentido, material ou simbólico, unicamente através dos dispositivos da palavra, sem o artifício da coerção física. Traduzir o original simplesmente por “O conceito de sugestão” poderia não alcançar esse objetivo, embora seja precisamente toda a malha de “artimanhas” da palavra que esteja em jogo para o autor: indução, sugestão, insinuação, conselho, persuasão, logro, intenção etc. (N.T.)

⁶ Trata-se do notório escândalo político, trazido à tona pelo *Washington Post*, conhecido nos Estados Unidos simplesmente como *Watergate*, que culminou com a renúncia do então presidente Richard Nixon, em 1974. A ambivalência à qual Burroughs se refere, trazendo *Watergate* como exemplo, diz respeito precisamente ao poder que a mídia de massa detém a despeito

de outros focos de controle, capaz de implodir inclusive o poder de controle do *establishment*, a depender das circunstâncias. (N.T.)

⁷ William Hearst e Henry Luce, respectivamente, ambos conhecidos magnatas da mídia de massa nos Estados Unidos, outrora detentores de inúmeros veículos de informação de alta difusão. (N.T.)

⁸ Mayan Caper (Artimanha Maia), texto de Burroughs incluído em *The Soft Machine* (1966), disponível em <https://realitystudio.org/texts/soft-machine/mayan-caper/> (acesso em: 19/05/2021) (N. E.)

⁹ A expressão presente no texto original é precisamente *Ship of State*. Contudo, inserimos as aspas alienígenas a fim de enfatizar o aspecto analógico dessa colocação e evitar quaisquer estranhamentos, já que obviamente não se trata de nenhum navio propriamente dito no texto. Burroughs muito provavelmente está jogando aqui com a famosa analogia presente na *República* de Platão, mas também na *Política* de Aristóteles, que aproxima a perfeição formal e os atributos de decadência de uma organização política institucional — o Estado, o Governo, a *politéia* (constituição) — daqueles verificados na reta ou na má condução de um navio, onde temos basicamente como personagens os marinheiros, responsáveis pelo trabalho braçal e pela manutenção material, o timoneiro, responsável pelo conhecimento náutico e pelo esforço intelectual, e o próprio navio, a estrutura de base que mantém todos vivos graças à adequada disposição das funções anteriores. Cf. Platão, *República*, 488b ss.; Aristóteles, *Política*, 1326a ss. *Ship of State* refere-se, assim, ao próprio Estado moderno e seu funcionamento peculiar. Por outro lado, a aproximação com Platão e Aristóteles pode ser apenas uma feliz coincidência, já que a expressão “navio”, no texto, pode simplesmente cumprir a função de maximizar a metáfora do “bote”, alcançando, assim, para além de casos localizados, as estruturas gerais do Estado-nação ele mesmo. (N.T.)

¹⁰ Aqui e doravante, a caixa alta é de Burroughs. (N.T.)

¹¹ *Big money* é uma expressão bastante típica da língua inglesa, razão pela qual optamos por preservar o original. Refere-se à classe dos grandes e influentes investidores capitalistas, sejam eles indivíduos ou corporações. (N.T.)

os limites do controle

Semiotext(e)
sponsors a colloquium on

schizo culture

13-16 november 1975
columbia university



"One does not desire revolution, desire is revolutionary"
—G. DELEUZE and F. GUATTARI

"The power to punish is not essentially different from the power to cure or to educate"
—M. FOUCAULT

Thursday, November 13

2:30 p.m. (Harkness): **Sylvère Lotringer, John Rajchman**
Introduction

7:30 p.m. (Harkness): **Arthur Danto**
Frenetic Explanations

James Fessenzen
Transversality and Style

Jean-François Lyotard
La Force des Faibles

Friday, November 14

9:30 a.m. **Workshops: Psychiatry and Social Control. — Radical Therapy. — Schizo-City [Harlem]; Cinema: Representation and Energetics. — Ontologico-hysterical theatre.**

2:30 p.m. (Harkness): **Robert Fine**
Psychoery and Materialism

Joel Kovel
Therapy in Late Capitalism

François Péraldi
A Schizo and the Institution

Panel with Félix Guattari

8:00 p.m. (S.I.A.): **William Burroughs**
The Imposes of Control

Michel Foucault
Nous ne sommes pas Régisalis

Saturday, November 15

10 a.m. (A-B Law) **Panel on Prisons/Asylums**

Judy Clark, Michel Foucault, Robert Michels, David Rothman

2:30 p.m. (A-B Law) **John Cage**
Empire Wards

Gilles Deleuze
Le Régime des Signes

8:00 p.m. (A-B Law) **Ti Grace Atkinson**
The Psyche of Social Movements

Félix Guattari
Publique et Signifiance

Sunday, November 16

9:30 a.m. **Meetings will be held at the Maison Française of the French Department, 560 W. 111 St.**

2:30 p.m. **Workshops: Feminism and Therapy. — Psychoanalysis and Politics. — Gay Liberation — Mental Patients' Liberation**

9:00 p.m. (John Jay): **Workshops: Prison Politics — Lincoln Detox. — Mass Culture. — Psychoanalysis and Schizoanalysis**

Schizo-Party

Information: Write to Semiotext(e), 522 Philosophy Hall, Columbia University, N.Y.C. 10027
Contribution: Six dollars (students), twelve dollars (others). Checks or money orders payable to Semiotext(e), Inc.
Register early if you wish to receive abstracts in advance. Fee includes a copy of the proceedings of the Schizo-Culture colloquium in Semiotext(e). Subscriptions to Semiotext(e): \$7.00 (individual), \$12.00 (institution).

Figura 1. Pôster da conferência *Schizo-Culture*, realizada em 1975 na Columbia University. Fonte: <https://www.facebook.com/Semiotexte/photos/a.144772588898442/184310118278022/?type=3&theater> [Rede social oficial da *Semiotext(e)*]. Acesso: 28/09/2020

Resumo

O controle total não existe. O controle sobrevive de oposições e anuências. Aqueles que controlam dependem de persuasões e concessões. Aquele que concede o faz porque tem o controle e para mantê-lo.

Palavras-chave: controle, controle mental, mídia.

Abstract

Total control does not exist. Control survives from opposition and acquiescence. The ones that have control depend on persuasions and concessions. The one that concedes does so because he can and because that's how he keeps it.

Keywords: control, mind control, media.

The Limits of control, William S. Burroughs.

Indicado para publicação em 10 de março de 2021.